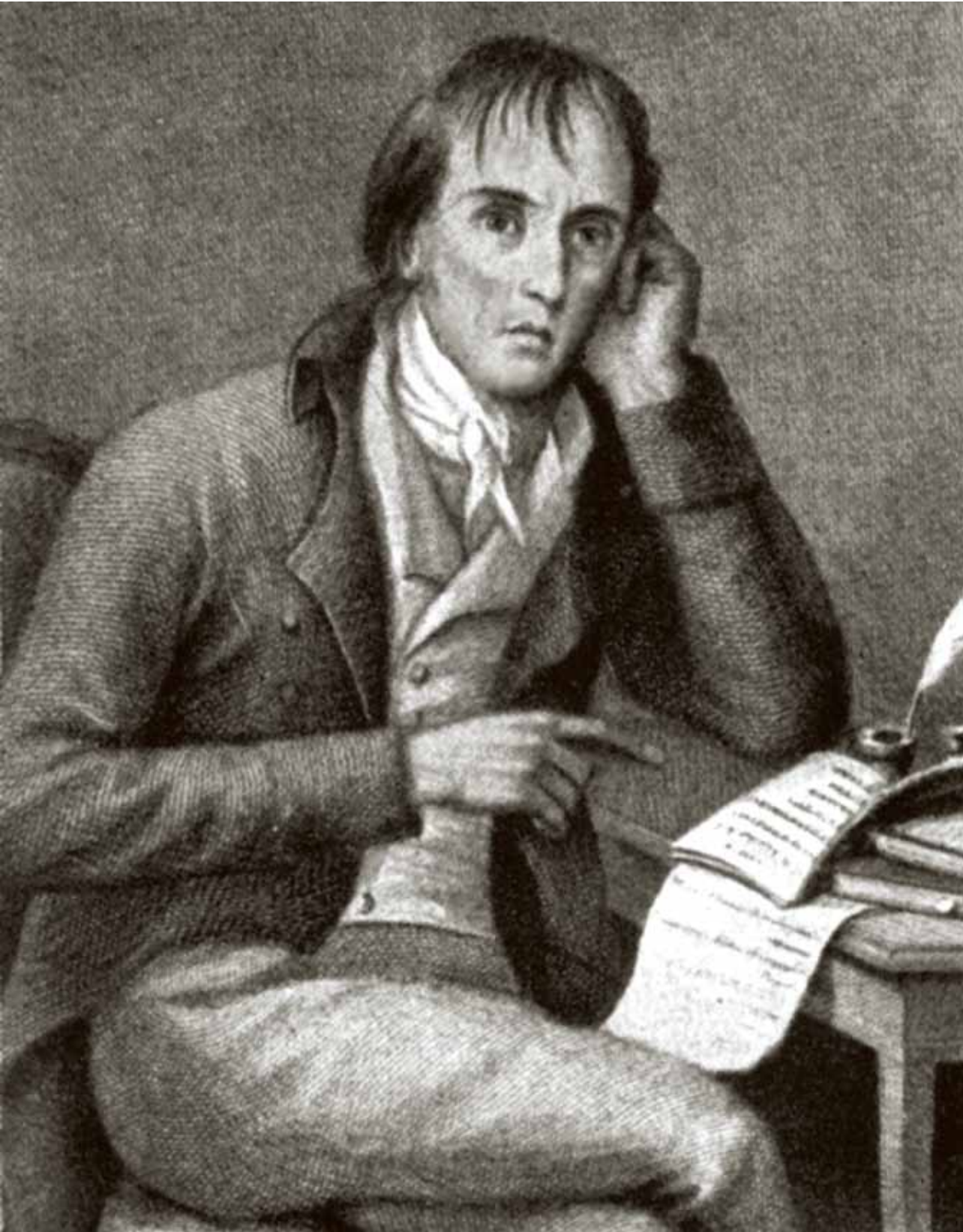




Retrato de Bocage gravado a buril e a água-forte por Joaquim Pedro de Sousa (1818-1878).

Bocage em Macau e na China

ANTÓNIO GRAÇA DE ABREU*

Andei por mar e por terra,
Pela Índia e pela China,
Aturei fome canina,
Com que muita gente berra:
Suportei de Amor a guerra.

Bocage

Me! Me! de Barborã
do Bocage

Que singular fascínio e extremada magia paira sobre a região do delta do rio das Pérolas, no sul do império chinês para, por sinuosas vias terem, num passado sempre próximo de todos nós, os maiores poetas portugueses aportado, ancorado existências e viveres em Macau, a antiga *Hao Jing* 濠鏡, o “Espelho da Ostra”, cidade do Nome de Deus na China?

Luís de Camões, nesses nebulosos anos da sua vida entre 1556 e 1557 assistiu, por certo, ao nascimento de Macau como porto de abrigo, cidade aberta para o mar, para a veniaga, para os negócios da China, para o mundo.

Camilo Pessanha, chegado a Macau nos últimos anos do século XIX, estranho em terra estranha, com o passar dos anos cada vez mais afundado em ópio,

respirava também nas brisas da cidade por onde delapidou anos e anos de vida e assumiu, quase sem forçar, quase sem querer, toda a sua genialidade poética.

Mais perto de nós, em Outubro de 1990, Eugénio de Andrade viajou até Macau e dessa breve estadia deixou-nos, entre outros, estes dois pequenos poemas-pérola,¹ escritos ao modo de um *haiku* 俳句 japonês ou de um meio *juequ* 绝句, os breves poemas chineses de versos “cortados” em vinte caracteres:

Templo da Barra

O verde dos bambus mais altos é azul
ou então é o céu que pousa nos seus ramos.

Jardim de Lou Lim Leoc

Deste jardim o que levo comigo
é um ramo de bambu para servir
de espelho ao resto dos meus dias.

E o nosso Manuel Maria Barbosa do Bocage, nascido em Setúbal, à beira Sado, e falecido há exactamente duzentos e dez anos, porque arribou um dia às costas do sul da China e porque deu o seu testemunho do singular quotidiano da cidade luso-chinesa de Macau num famoso soneto de que falaremos adiante?

* Licenciado em Filologia Germânica e Mestre em História pela Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa. Viveu e foi professor em Pequim e Xangai entre 1977 e 1983. Lecionou Sinologia na Universidade Nova de Lisboa e no Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa. Actualmente na Universidade Aveiro. Entre 1996 e 2002 pertenceu ao *board* da European Association of Chinese Studies (Heidelberg e Oxford). Escreveu a biografia de D. Frei Alexandre de Gouveia, Bispo de Pequim, (1751-1808). É autor de vários livros de poesia e traduziu para português diversas obras chinesas.

Graduate in German Studies and M.A. in History from the University of Lisbon. He lived and worked as a teacher in Beijing and Shanghai, from 1977 to 1983. Lectured Sinology in Lisbon's Universidade Nova and School of Social and Political Sciences (ISCSP), Lisbon. Today in University of Aveiro. From 1996 to 2002 he was a member of the board of the European Association of Chinese Studies (Heidelberg and Oxford). He wrote the biography of D. Fr. Alexandre de Gouveia, Bispo de Pequim (1751-1808). He published several poetry books and translated into Portuguese several Chinese masterpieces.

LITERATURA

LITERATURE

Em Abril de 1786, Bocage parte para a Índia onde espera encontrar fama, fortuna e glória. Mas, longe iam os tempos em que os portugueses eram quase senhores dos mares do Oriente e temidos capitães de navios, fortalezas e cidades.

Ido do Brasil na nau da carreira da Índia, Manuel Maria chega a Goa em Outubro de 1786. Acabara de fazer vinte e um anos. Na Índia, abrir-se-á o baú cheio de sonhos que trouxera de Lisboa e a dura realidade da decadência portuguesa no Oriente rapidamente irá destruir as ilusões e fantasias do poeta.

Ao fim de vinte e oito meses de estadia em Goa, segue para Damão, promovido a tenente de infantaria, não sem antes se referir à capital da Índia Portuguesa nos seguintes termos:

Das terras a pior tu és, oh Goa,
Tu pareces mais ermo que cidade,
Mas lojas em ti maior vaidade
Que Londres, que Paris ou que Lisboa.

Damão não foi lugar de longa permanência. Na cidade fez amizade com o alferes Manuel José Dionísio, dizem os biógrafos de Bocage que viciado em jogo. Zangado com o mundo, na companhia do amigo recente, o poeta foge de Damão e refugia-se na cidade de Surrate.

Em Surrate vai encontrar a formosa Ana Jacques Manteigui, antiga amante do ex-governador Frederico Guilherme de Sousa, agora casada com um comerciante francês e nas horas vagas, que eram muitas, uma espécie de prostituta de luxo para os poderosos da região de Surrate.

Bocage toma-se de amores pela voluptuosa dama mas, rejeitado devido às poucas moedas que tilintavam na sua bolsa, procura vingança num famoso poema de cento e cinquenta e dois versos distribuídos por dezanove estâncias onde, ao bom modo licenciado, jocoso e chocarreiro do vate, encontramos versos lapidares como estes:

Da grande Manteigui, puta rafada,
[...] Canto a beleza, canto a putaria
[...] Seus meigos olhos, que a foder ensinam
Até nos dedos dos pés tesões acendem.

De Surrate, com o amigo Manuel Dionísio, o nosso Manuel Maria Barbosa do Bocage embarca em mais uma longa viagem para um “Oriente a oriente do Oriente”, como escreveria Pessoa, rumo à cidadezinha de Macau, no sul da China. Teria o secreto desejo de imitar Camões nos itinerários de viagem pelo Extremo Oriente? Ele próprio contou:

Camões, grande Camões, quão semelhante
Acho teu fado ao meu quando os cotejo!
Igual causa nos fez, perdendo o Tejo
Arrostar c’o sacrílego gigante.

Em que navio viajou Bocage de Damão para a China? Que lhe sucedeu ao chegar à foz dos rio das Pérolas, às terras do Império do Meio?

Entre Macau, Goa e volta acontecia com alguma frequência a navegação por parte dos capitães de navios macaenses que comerciavam entre a Índia, o Sudeste Asiático e as terras do sul do império chinês. Os navios de Macau chegavam também a Surrate, mais a norte, no golfo de Cambaia. Bocage poderá, no entanto, ter embarcado num navio inglês que, na época, faziam já a ligação entre a Índia e Cantão. A Inglaterra estendia o seu poderio a vastos espaços do mundo indiano e as grandes cidades da Índia começavam a cair sob o domínio britânico. A partir de meados do século XVIII, navios ingleses partiam de vários portos indianos carregados de caixas de ópio que transaccionavam, com avultados lucros, em Cantão e nos ancoradouros da ilha da Taipa, em frente de Macau. O comércio do ópio era proibido em Macau e nas terras da China mas fazia-se com a complacência de todos os poderes porque os *liang*, os cobiçados taéis de prata com 37,5 gramas cada um, corriam aos milhares de cofre para cofre, de bolso para bolso, entre comerciantes chineses, macaenses e ingleses. António José Gambôa e Joaquim Carneiro Machado, em 1790 os dois homens mais ricos de Macau, e que seguramente Bocage conheceu, fizeram uma fortuna com o ilegal mas tolerado comércio do ópio.

Manuel Maria viajou de Surrate para Cantão em navio português ou inglês? Navio esse associado ou não ao comércio do ópio? Não sabemos.

O que parece certo é que houve um naufrágio junto a Cantão. Bocage chegou à China em Agosto ou Setembro de 1789, época em que os tufões acontecem com frequência nas costas sul do império chinês. Ele próprio conta:

Por bárbaros sertões gemi vagante
Até que aos mares da longínqua China
Fui por bravos tufões arremessado.

Deste naufrágio, tal como se conta no que a Camões diz respeito, terá Bocage salvo a nado um conjunto manuscrito de poemas.²

Em Cantão, perdido na cidade, Manuel Maria conhece as cores pestilentas da miséria. Na elegia à morte do príncipe D. José, herdeiro do trono e falecido prematuramente em 1788, escrita em Macau, o poeta refere:

E mais mísero eu, que habito no remoto Cantão.

Mais tarde, numa ode dedicada a Luís de Vasconcelos e Sousa, fala da

... vasta, a fértil China,
fofa de imaginária antiguidade,
pelo seu pingue seio
te viu com laço pé vagar mendigo.

Como era Cantão em 1789? Capital da província de Guangdong, a dois mil e seiscentos quilómetros de Pequim, excêntrica em relação aos eixos tradicionais do mundo chinês, a cidade sentia e beneficiava do isolamento no que concerne aos mais importantes burgos do velho Império do Meio. O poder dos mandarins da corte chegava muito diluído a Cantão, a cidade teria então cerca de meio milhão de habitantes e estava há muitos séculos vocacionada para o comércio em todo o delta do rio das Pérolas, nos mares do Sul, no Sudeste Asiático. A população falava (e fala) cantonense, um dialecto regional incompreensível para os chineses de outras províncias, e vivia de todos os pequenos e grandes negócios, legais e ilegais, possíveis num extenso espaço geográfico que tinha por horizonte apenas os múltiplos braços de rio, o céu azul e a imensidão do mar.

Bocage não terá permanecido em Cantão mais do que um mês. Não teve tempo e por certo vontade para tentar compreender o “estranho” mundo chinês para onde os ventos, os acasos da sorte e da desdita o haviam empurrado. Em Outubro de 1789 encontramo-lo em Macau. Foi muito curta a viagem entre a capital da província de Guangdong e a cidade dos portugueses na China, são só cento e trinta quilómetros descendo

o rio das Pérolas facilmente vencidos pelos navios que regularmente, na rota do comércio, uniam as duas cidades.

Como era Macau em 1789? A cidade estendia-se por espaços limitados, ligada por um istmo à terra-mãe, a grande China, e aninhava-se entre as fortalezas da Barra e de S. Francisco, na harmoniosa baía da Praia Grande, com o casario abrigado entre o monte da Guia, a fortaleza do Monte e a igreja de S. Paulo. O mar quase tudo rodeava. Em 1745, o mandarim Yin Guangren 印光任 em visita de inspecção a Macau, escrevera:

As praias do mar enlaçadas como dois anéis,
O sol tem sede, mergulha nas águas da maré-cheia.
Ao entardecer, pedaços de ouro derretem
como gusa na fornalha,
As naus como flores de pessegueiro vogam
sobre o mar,
Os barcos-dragão vão buscar pérolas
ao fundo das águas.
Dissipa-se a bruma, o horizonte é claro,
luminoso,
As duas baías faíscam como dois espelhos,
A Natureza sabe rejuvenescer dez mil seres.³

Terá tido Bocage tempo e vontade para passear o olhar na bonita paisagem de Macau? Creio que não. O seu sangue português e o nosso fado, o modo tão lusitano de entender quase só os podres e os defeitos dos homens, esquecendo a outra parte do mesmo todo, as muitas qualidades que também temos, levaram-no a escrever versos não muito simpáticos sobre Macau. No entanto, é verdade que a realidade dos quotidianos da cidade era mais negativa do que positiva nesse ano de 1790.

O número de portugueses era reduzido. Manuel Maria fala de “cem portugueses, tudo em um curral.” Uma *Notticia e Reflexões sobre a cidade de Macão*, de autor anónimo, para o ano de 1773 indica um total de 15 620 habitantes, assim distribuídos: 127 portugueses, 1235 mestiços, 1008 naturais, 1100 escravos e 12 000 gentios.⁴ Em 1791 temos outro recenseamento que abrange apenas a população portuguesa e macaense, deixando de fora os chineses – na altura já a esmagadora maioria dos habitantes –, e nos dá 737 homens casados, viúvos e solteiros e 1539 mulheres casadas, viúvas e solteiras, mais do dobro dos homens. Os escravos

LITERATURA

LITERATURE

adultos são 552 e as escravas adultas 803.⁵ Se é verdade que ontem como hoje a esperança de vida das mulheres era superior à dos homens e que os naufrágios no mar contribuíam para um rol extenso de viúvas, alguns portugueses e macaenses chegavam a ter nas suas casas dezenas de raparigas e mulheres. Bocage de tudo isto se apercebeu, talvez não muito desagrado, embora se tenha referido a “*muita pobreza, a muita mulher vil*”. O Pe. Manuel Teixeira fala dos capitães Joaquim Carneiro Machado (um dos homens ricos de Macau, como vimos!), João da Costa Brito e do furriel João dos Remédios e chama-lhes “infames proxenetas em negócios prostibulares”. Manuel Teixeira, o historiador de Macau cita uma carta de D. Marcelino José da Silva, bispo de Macau, enviada ao governador da Índia no ano de 1793, três anos depois de Bocage ter partido da cidade, onde o bispo diz:

“... tenho-me enchido de horror vendo homens que fazem contrato das suas próprias mulheres, alugando-as a vários estrangeiros que aqui residem e a outras pessoas que delas se queiram servir e abusar. O mesmo praticam muitos pais e mães com suas esposas e filhas e criações (chamam assim às raparigas que tomam da Misericórdia ou compram aos chinas em tempo de fome e carestia); os tios e irmãos com suas irmãs e sobrinhas e isto com tanto descoco e descaramento que já houve marido que chegou a tirar a espada e a querer brigar com um estrangeiro porque uma noite não lhe quis aceitar a mulher que ele lhe tinha ido oferecer.”⁶

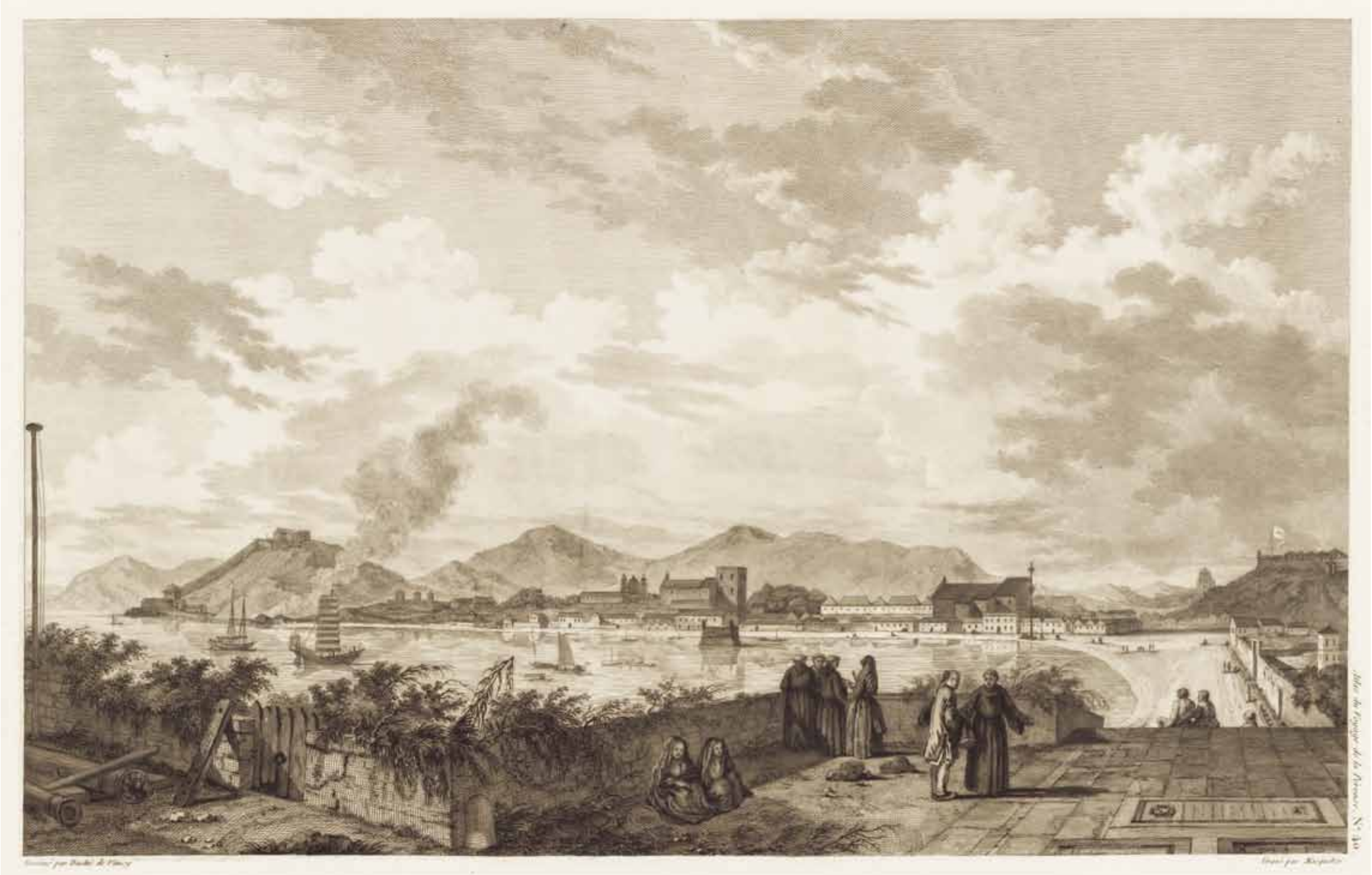
Macau era tudo menos um exemplo de bons costumes. Mas terá o nosso Manuel Maria Barbosa do Bocage, com um feminino de tão fácil acesso para os homens da cidade, conhecido os corpos de jade, a pele de seda das mulheres chinesas? Creio que sim. Pena não nos ter dado testemunho poético desse sereno ou tempestuoso contentamento na viagem pelas meninas “de pouca virtude”, de olhos amendoados e corpo de jaspe tépido, as “pétalas de lótus caídas do céu”, como lhes chamava no século VIII o grande poeta Li Bai 李白.

A situação de desertor do exército em Damão não pareceu constituir problema para Bocage ser bem aceite pela pequena comunidade de Macau. Tinha vinte e quatro anos, não era ainda minimamente

conhecido ou famoso. O comerciante Joaquim Pereira de Almeida recebeu-o em seu casa, apresentou-o à sociedade macaense e o ouvidor Lázaro da Silva Ferreira, a desempenhar funções de governador interino desde 18 de Julho de 1789, apercebeu-se rapidamente de

que Manuel Maria era um homem invulgar, um poeta onde borbilhava a genialidade e protegeu-o, não o pronunciou por desertor e acabou por lhe arranjar condições para a viagem de regresso a Portugal, o que aconteceu em Março de 1790.

Eu torno, eu torno, por amor guiado,
Exposto à fúria dos tufões, dos mares.
Eu torno, eu torno para vós; ouviu-me
Júpiter alto.



“Vue de Macao, en Chine”, in Atlas du Voyage de la Pérouse, 1797.

LITERATURA

Estaria o poeta pensando em voltar para os braços, para o regaço da sua querida Gertrudes ou Gertrúria, filha do comandante do forte do Outão, em Setúbal, e que entretanto, na ausência de Manuel Maria, imaginando-o talvez perdido pelas Índias, já o trocara por Gil Francisco, o próprio irmão do poeta?

Bocage não se adaptou à vida em Macau. Para um homem como ele, apaixonado, com o sangue a ferver nas veias e artérias, também não seria fácil. Escreveu na altura, na já citada elegia à morte do príncipe D. José:

Triste povo! E mais triste eu, que distante
Não pude acompanhar teu choro aflito
Naquele amargo, lutuoso instante!

Triste povo! E mais mísero eu que habito
No remoto Cantão, d’onde Ulisseia
Não pode a ti voar meu débil grito.

Misérrimo de mim que em terra alheia,
Cá onde muge o mar da vasta China
Vagabundo praguejo a morte feia.

Ao ouvidor e desembargador Lázaro da Silva Ferreira,⁷ agradeceu o bom acolhimento em Macau:

Tudo a ti devo, ó benfeitor, ó grande
Que a roçagante, a venerável toga
Mais venerável pelos teus preclaros
Méritos fazes.

Tudo te devo: a gratidão não sofre
Que teus favores generosos cale;
Julga tu mesmo se o silêncio é crime,
Árbitro excelso.

E ao abandonar a cidade seis meses após a sua chegada, retratou-a no seguinte soneto:

Um governo sem mando, um bispo tal,
De freiras virtuosas um covil,
Três conventos de frades, cinco mil
Nhon’s e chinas cristãos, que obram mui mal.

Uma sé que existe tal e qual,
Catorze prebendados sem ceitel,
Muita pobreza, muita mulher vil,
Cem portugueses, tudo em um curral.

Seis fortes, cem soldados, um tambor,
Três freguesias cujo ornato é pau,
Um vigário geral sem promotor.

Dois colégio um deles muito mau,
Um senado que a tudo é superior,
É quanto Portugal tem em Macau.

Estes versos, implacáveis sobre a vida nesse ano de 1790, foram já objecto de cuidada análise por parte do Pe. Manuel Teixeira, em 1956, no vol. III de *Macau e a sua Diocese* e, em 1984, em *Macau no Século XVIII*. Neste último trabalho, p. 680, diz Manuel Teixeira: “Por aqui se vê o fino espírito de observação de Bocage que, estando menos de um ano em Macau, viu mais do que muitos em toda a sua vida.”

Neste simples texto, cumpre-me contribuir com mais alguns dados para melhor se conceptualizar o soneto de Bocage, inserindo-o na pequena grande realidade da cidade do Santo Nome de Deus na China.

Macau nunca foi uma colónia, era um pequeno burgo marítimo no extremo do Império do Meio onde, graças ao trato e ao comércio, tradicionalmente mal visto pelos mandarins chineses mas gerador de poder e de riqueza, os portugueses beneficiavam da complacência das autoridades locais. Em última instância, quem detinha a soberania em toda a região eram os chineses. Os portugueses, poucos e fracos, à deriva pelo Extremo Oriente viviam, sobreviviam à custa de constantes conluios e de concessões face aos poderes chineses. E também de muita determinação e coragem.

A 3 de Outubro de 1784, três meses após a sua chegada a Macau, D. Frei Alexandre de Gouveia, bispo de Pequim, a caminho da sua diocese, deu testemunho do seu entendimento da singular natureza da cidade de Macau, em carta endereçada ao ministro Martinho de Melo e Castro:

“He certo, Exmº. Sr., Macao maes parece huma terra de escravos dos Imperadores da China q. huma colonia conquistada pellas vitoriosas armas dos Portuguezes. Os privilegios de Macao estão na maior parte perdidos. Os Mandarins Chinezes dominam aqui com maes imperio q. o Imperador em Pekim e o Senado geme debaixo do tirano jugo dos Ministros do Imperador. [...] A falta de respeito e autoridade nos Governadores de Macao não concorre pouco para a sua decadencia.”⁸

LITERATURE

O bispo de Macau, D. Alexandre Pedrosa da Silva Guimarães, que deixou a sua pequena diocese em 1780, escrevia em Agosto de 1777:

“... O imperador tem toda a força e nos nenhuma: elle he Senhor directo de Macao que lhe paga hum foro e nos apenas temos o dominio util. A terra não se obteve p q. digo p conquista e assim a nossa residencia não se firma.”⁹

Era a insegurança quanto ao amanhã, vivia-se na cidade extremando os prazeres do dia a dia, ao sabor da incerteza e da aventura.

Bocage, superiormente inteligente, compreendeu bem a natureza de Macau e, por certo, contaram-lhe inúmeras histórias sobre um passado recente não muito edificante que todos conheciam.

Manuel Maria foi amigo de D. Maria de Saldanha Noronha e Meneses, uma das figuras mais distintas da Macau de então e dedicou-lhe os seguintes versos:

Musa chorosa, que por terra estranha
Tão longe do teu pátrio ninho amado,
Andas errante, suspirando ao lado
Da saudade fiel que te acompanha.

Do chão onde a lançaste, a lira apanha,
E seja em brando som por ti cantado
Um peito de virtudes adornado
A piedosa, a magnânima Saldanha.

Louva os dons daquela alma excelsa e pura,
Que as tuas gastará mágoas penosas
Como a aurora desfaz a noite escura,

Depois às lindas filhas melindrosas,
Rivais da mãe de amor na formosura
Tece capelas e festões de rosas.

George Chinnery, Casas de Macau com a igreja de S. José ao fundo. Tinta sobre papel, sem data (c. 1835).



LITERATURA

LITERATURE

Maria de Saldanha Noronha e Meneses era casada com Bernardo Aleixo Lemos de Faria, ex-governador de Macau, que em Dezembro de 1789 fora condenado pelo tribunal de Goa a “dois annos de degredo para fora das ilhas de Goa e dois mil xerafins para o Cofre da Justiça.” Provara-se que em 1785, “sendo prohibido por varias Ordens Reaes e por outras dos VReys e Governadores deste Estado, o negociar em Macao com os estrangeiros, e muito principalmente consentir que estes introduzão na mencionada Cidade a sua carregação de Anfião (ou ópio)” o governador auxiliou António José Gamboa a vender “duzentos caixoen[s] de Anfião”, conseguindo assim avultados lucros.¹⁰ Apesar dos pouco claros negócios do ópio, do vício do jogo que o levou quase à miséria, Bernardo Aleixo Lemos de Faria, voltou a ser governador de Macau por duas vezes, de 1806 a 1808, e de 1810 a 1814.

Bocage não simpatizava com padres nem com frades. No soneto satírico que dedica a Macau fala dos *catorze prebendados sem ceitil*. A prebenda era o pagamento que os eclesiásticos recebiam do seu bispo e em 1790 o número de religiosos existente em Macau devia rondar as duas dezenas.

Em 1783, o bispo de Macau, D. Alexandre Pedrosa Guimarães apresentou à rainha D. Maria I um conjunto de documentos, entre eles uma *Lista dos Clérigos simples sacerdotes e minoristas que há em Macau, para Vossa Majestade prover o que quiser*. D. Alexandre após o nome de cada clérigo macaense acrescentou um comentário sobre as qualidades e comportamento de cada um. Passo a transcrever sem quaisquer comentários as palavras do bispo:

“Tesoureiro-mor-Faustino de Torres. Caloteiro, mal procedido e peca na gula, mas tem habilidade para a prédica.
Mestre-escola João Simões de Carvalho. Também tem boa habilidade para a prédica, está denunciado duas vezes por solicitante e entrega-se demasiado ao vinho.
Padre Pedro André. Ébrio, ignorante.
Padre José Jorge de Moraes. Muito habilidoso para artifícios mas ignorante de moral.
Padre António Jorge Nogueira. Provincial e vigário-geral, mais digno da mitra do que eu.
Padre Lourenço do Rosário. Traficante de cera, ignorante.
Padre João Rodrigues. Ébrio e lascivo.



Padre Francisco Esteves. Bem procedido, virtuoso e suficientemente estudante.”¹¹

Se os clérigos de Macau possuíam no essencial poucas qualidades, Bocage refere as freiras, as clarissas do convento de S. Clara como sendo mulheres *virtuosas*. Havia naturalmente gente boa na cidade.

Ao falar dos militares, Manuel Maria cita *seis fortes, cem soldados, um tambor*. Os fortes eram o Monte, S. Francisco, Santiago da Barra, o Bomparto, a Guia, e a Penha. Alguns deles estavam guarnecidos de canhões com mais de cento e cinquenta anos de idade mas, sinal da paz em que a cidade vivia, jamais haviam disparado um tiro e eram utilizados há muitos anos pelos pardais que, no interior das bombardas, faziam os seus ninhos.

O magistrado Lázaro da Silva Ferreira, na sua primeira viagem para Macau em 1784, levou consigo de Goa cento e cinquenta soldados, cipaio[s] indianos destinados à guarnição da cidade. Alguns anos depois da chegada destes militares, lamentava-se D. Marcelino José da Silva, o novo bispo de Macau:

“Os q. vieram substituir com nome de tropa regular e disciplinada ainda erão mais indigentes e miseraveis por serem Canarins dados quazi todos ao vicio do vinho [...] e muitos tem empenhado e continuam a empenhar nas boticas as fardas, as camizas e até mesmo as espingardas.” ¹²

No soneto de Bocage, os *dois colégios, e um deles muito mau* existentes em Macau em 1790 são o colégio do seminário de José fechado na sequência de perseguição e expulsão dos jesuítas, em 1759, e em 1784 reaberto e entregue aos padres lazaristas, e o colégio de S. Paulo praticamente encerrado depois da saída dos jesuítas e com os edificios em avançado estado de degradação.

O Senado que a tudo é superior era constituído pelos homens mais importantes de Macau, os capitães

de navio, os comerciantes ricos que conheciam melhor do que ninguém a natureza da cidade e reuniam semanalmente para decidir sobre as medidas políticas e económicas a tomar para o bem de todos. Era com o procurador do Leal Senado que as autoridades chineses, os mandarins de Cantão e de Xiangshan, – a região adjacente a Macau – contactavam e tratavam das questões que interessavam a Macau e à província de Guangdong.

Tudo isto, no dizer de Bocage: “É quanto Portugal tem em Macau.”

Era muito, era pouco?

Macau, em 1790, ou em 2014, tinha, tem um amontoado de variada e desvairada gente, chineses, macaenses, portugueses, cidadãos de estranhas paragens da Ásia, dos quatro cantos da Terra.

Teve, tem pessoas como Manuel Maria Barbosa do Bocage tanta vez à deriva pelos atalhos da vida, mas ontem como hoje a construir, a habitar, a fruir um fascinante e delicioso lugar, Macau, diferente de todas as cidades da China e do Extremo Oriente, única debaixo do Céu. **RC**

NOTAS

1	“Pequeno Caderno do Oriente”, pp. 15 e 21, <i>Revista de Cultura</i> n.º 18 (Macau), 1994.	
2	Almerindo Lessa, <i>Macau: Ensaios de Antropologia Portuguesa dos Trópicos</i> . Lisboa: Editora Internacional, 1996, p. 485.	
3	Tcheong-Ü-Lâm e Ian-Kuong-lâm, <i>Ou-Mun Kei-Leok. Monografia de Macau</i> . Trad. Luís Gonzaga Gomes, Macau: Quinzena de Macau, 1979, p. 49.	
4	Arquivo Histórico Ultramarino, <i>Macau</i> , caixa 6, doc. 47	
5	Arquivo Histórico Ultramarino, <i>Macau</i> , caixa19, doc. 17.	
6	Manuel Teixeira, <i>Macau no Século XVIII</i> . Macau: Imprensa Nacional, 1984, p. 679.	
7	Lázaro da Silva Ferreira nasceu em Lagos em 1738. Foi juiz de fora em Esposende e Guimarães. Era magistrado em Goa em 1784, quando seguiu para Macau com cento e cinquenta soldados indianos para reforçar a defesa da cidade e com instruções para o bom governo da cidade. Regressou à Índia, mas, em Maio de 1787, estava outra vez em Macau para desempenhar as funções de ouvidor. Foi governador interino durante mais de um ano, em 1789 e 1790. Até ao seu regresso a Portugal, em 1798, Lázaro da Silva Ferreira marcou o quotidiano de Macau pela sua integridade e determinação na defesa do interesse público. Em Lisboa, foi membro do Conselho Ultramarino e conselheiro régio para os assuntos de Macau. Faleceu na sua terra natal em 1825. Sobre Lázaro da Silva Ferreira ver o texto de António Martins do Vale, em <i>Governadores de Macau</i> , coord. Jorge Santos Alves e António Vasconcelos de Saldanha. Macau: Livros do Oriente, 2013, pp. 135 e 136.	
8	Arquivo Histórico Ultramarino, <i>Macau</i> , caixa 15, doc. 20.	
9	Citado por Manuel Teixeira, <i>Macau e a sua Diocese II</i> . Macau: Imprensa Nacional, 1940, p. 261.	
10	Ver o <i>Libelo Acusatório</i> e a <i>Sentença</i> , na Biblioteca Central da Marinha/Arquivo Histórico, caixa 1340, doc. não numerado.	
11	Arquivo Histórico Ultramarino, <i>Macau</i> , caixa 14, doc. 14.	
12	Biblioteca Central da Marinha/Arquivo Histórico, <i>Macau</i> , caixa 1340, <i>Relatório</i> do bispo D. Marcelino José da Silva, a 22 de Fevereiro de 1799.	